

“INFEÇÃO HOSPITALAR: QUAL A PERSPETIVA DA COMUNIDADE?”

3.º Congresso Internacional | IACS¹ 2019 | Desafios e Inovação em Controlo de Infeção
Auditório Europarque, Sta. Maria da Feira, Portugal
24 de outubro de 2019

Cumprimento os colegas de mesa e todos os presentes.

Na pessoa do Dr. Miguel Paiva, meu amigo, agradeço aos organizadores deste congresso o convite para participar nesta Mesa Redonda, na qualidade de Presidente do Conselho das Escolas, convite que aceitei com muito prazer.

Antes de qualquer reflexão sobre a problemática da Infeção Hospitalar, convém que saibam que a minha experiência e conhecimento dos hospitais advêm, apenas e só, da condição de utente ou da condição de acompanhante de utentes. Portanto, temo bastante que as minhas reflexões sobre a problemática das Infeções Hospitalares possam não ser grande ajuda para combater e mitigar este problema que, segundo li em jornal de expansão nacional, causa a morte a várias pessoas por dia, só em Portugal.

Tentarei trazer a este congresso algumas reflexões que perspetivem a forma como a comunidade está a enfrentar este problema e o papel que, eventualmente, as Escolas poderão ter na sensibilização e alerta dos jovens para os riscos e as consequências da infeção hospitalar.

¹ IACS - Infeções Associadas Aos Cuidados de Saúde (Infeções Nosocomiais)

I. COMO ENCARA A COMUNIDADE O PROBLEMA DA INFEÇÃO HOSPITALAR?

Eu diria que a comunidade, salvo casos pontuais, não está plenamente consciente da gravidade deste problema nem a dar-lhe a importância que certamente merece. A sensação que tenho é a de que este problema é sentido com muita preocupação por aqueles que tem familiares doentes nos hospitais, especialmente se forem doentes idosos e muito debilitados ou então crianças de tenra idade. A restante população ouve falar do assunto, sabe que é um problema grave e que pode causar a morte, mas encara-o como um problema longínquo, que ainda não lhes bateu à porta e de que se lembram apenas quando surgem notícias nas páginas interiores dos jornais ou quando o infortúnio atinge uma amigo ou familiar.

O problema das infeções hospitalares não faz parte da agenda política nem mediática, não é assunto que passe nos fóruns de opinião, nem nos debates televisivos e não me lembro de ouvir algum político a trazer este assunto para o debate público. Na verdade, ao contrário das alterações climáticas, por exemplo, a infeção hospitalar é um problema que, na verdade, não existe no espaço público.

Penso, pois, que o alheamento geral da população sobre os riscos que as pessoas correm quando se encontram em ambiente hospitalar, pode justificar parte das dificuldades com que se defrontam os profissionais de saúde, sobretudo os que trabalham nos hospitais, para combater eficazmente este problema que causa várias mortes por dia.

Por conseguinte, a minha primeira reflexão é esta: **é necessário trazer esta problemática para o espaço público e para a agenda mediática, através de campanhas de informação e divulgação de riscos e dos problemas associados à infeção hospitalar. Colocar esta problemática na agenda política, na agenda mediática e nas intervenções públicas dos profissionais de saúde seria um importante passo no sentido de contribuir para a sua prevenção e minorar os seus efeitos.**



II. COMO PODEMOS SENSIBILIZAR OS JOVENS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR?

Naturalmente, se formos capazes de sensibilizar os jovens de hoje para o grave problema das infeções hospitalares, é provável que daqui a poucos anos, quando atingirem a idade adulta, estejam bastante mais sensibilizados e informados dos riscos de saúde associados aos ambientes hospitalares. Deste ponto de vista, cidadãos melhor informados serão cidadãos mais precavidos para enfrentar este problema, pelo que se reduzirá o risco de infeção e, conseqüentemente, o risco de morte.

Como chegar então aos jovens em idade escolar?

Qual a melhor forma de os sensibilizar para esta problemática? Estas são duas questões que merecem reflexão.

Uma outra questão sobre a qual penso que se deve refletir é a seguinte: a sensibilização sobre esta problemática deverá ocorrer da mesma forma e no mesmo momento a todas as faixas etárias, ou será aconselhável tentar chegar apenas a determinados grupos etários?

Na última década e meia, sobretudo nos últimos anos, a Escola tem sido chamada a executar várias tarefas e atividades que, tradicionalmente, não se encontravam no seu espaço de ação. Da educação ambiental até à educação para a saúde, da educação rodoviária à literacia financeira, da educação sexual à educação para a cidadania, enfim, a Escola tem sido chamada a assumir várias responsabilidades sociais de formação e educação. Enfim, a sociedade não se tem cansado de atribuir às Escolas vários mandatos, como se costuma dizer. E a Escola pública tem vindo a cumprir estas missões.

Recentemente foi aprovada a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, a qual prevê que os alunos trabalhem de forma transversal vários domínios obrigatórios, de entre os quais a **“Saúde (promoção da saúde, saúde pública, alimentação, exercício físico)”**. Neste âmbito, em 2018, criou-se uma nova área curricular designada Cidadania e Desenvolvimento, na qual se abordam estas temáticas transversais, em trabalho multidisciplinar e de projeto.



Neste momento, existe espaço curricular nas Escolas para se trabalhar com os alunos algumas das questões ligadas à saúde e à promoção de estilos de vida saudável.

Portanto, a resposta à minha pergunta inicial “Como podemos chegar aos jovens em idade escolar”? está dada: **existe nas Escolas espaço curricular, nomeadamente, no âmbito da área disciplinar da Cidadania e Desenvolvimento, onde se pode abordar a problemática da infeção hospitalar.**

Como se pode ou deve fazê-lo é outra questão sobre a qual quero refletir.

Ainda me recordo de, há alguns anos, por volta de 2009, quando o vírus da gripe A se tornou um problema grave (penso que os serviços de saúde chegaram a considerar a situação como uma pandemia), as Escolas foram incumbidas de alertar e sensibilizar os alunos e, através destes, os respetivos encarregados de educação, para adotarem medidas adequadas de prevenção e contenção da doença.

Chamo à colação a Gripe A, consciente de que se trata de um problema diferente, daquele que vos traz a este congresso internacional, todavia, a forma como as Escolas lidaram com problemática associada ao vírus H1N1 pode iluminar o caminho a seguir para sensibilizar os alunos para a problemática da Infeção Hospitalar.

Há cerca de 10 anos, as Escolas tiveram de elaborar e aprovar Planos de Contingência para a deteção precoce de suspeitas de gripe A e para ativação de mecanismos de alerta. Mas, para além deste plano, que obrigou alunos funcionários e professores a terem o problema presente, o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação fizeram chegar às Escolas Kits de prevenção da Gripe A: desde líquido e toalhetes desinfetantes, até cartazes informativos, passado por folhetos com imagens explicativas de uma boa lavagem de mãos para evitar infeções, tudo serviu para informar, debater e sensibilizar os alunos e as famílias para o problema que então estava classificado como uma pandemia.



Portanto, a minha terceira a reflexão é esta: É necessário colocar de pé uma Campanha conta a Infeção Hospitalar, dirigida às Escolas. **Para que as Escolas possam informar os alunos e sensibilizá-los de forma eficaz para a problemática da Infeção em Ambiente Hospitalar, será necessário promover ações de sensibilização adequadas aos jovens, será necessário disponibilizar junto de professores e alunos informação suficiente, adequada e atual sobre as causas e consequências deste problema de saúde, bem como das melhores medidas a tomar para o evitar e combater.**

Outra questão será a de se saber se esta problemática deve ser abordada junto de todos os alunos da escolaridade obrigatória, atingindo todas as faixas etárias, ou apenas e sobretudo em faixas etárias específicas.

Refletindo sobre esta questão, parece-me que a abordagem da problemática da Infeção em Ambiente Hospitalar não será adequada nos níveis de escolaridade mais baixos, ou seja, junto das crianças do pré-escolar e dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Penso que nestas faixas etárias o problema não é de fácil concetualizado, o que criaria ruído e desinformação.

Parece-me que uma Campanha de informação e sensibilização da problemática da Infeção Hospitalar surtiria mais efeito e seria mais eficaz - chegaria mais facilmente aos adultos e familiares mais próximos - se dirigida, sobretudo e em primeiro lugar aos alunos do ensino secundário, depois, em moldes adequados, aos alunos dos 3.º e 2.º Ciclos de Ensino Básico, respetivamente.

Portanto e para concluir, direi que o papel das Escolas na sensibilização dos jovens e respetivas famílias poderá contribuir, a médio prazo, para a redução do flagelo que é a Infeção em meio hospitalar, todavia é necessário serem sensibilizadas para tal através de uma Campanha nacional de informação e sensibilização gizada e liderada pelos serviços e saúde.

Muito obrigado

24/10/2019

José Eduardo Lemos, PCE

